

- 8 MAR 1987

Políti

“O povo me conhece”, diz Sarney na Bahia

**SALVADOR
AGÊNCIA ESTADO**

Ao inaugurar ontem em Salvador a Fundação Casa de Jorge Amado, o presidente José Sarney disse que não se sente impopular por causa das medidas econômicas adotadas pelo governo. “O povo me conhece”, afirmou. Mesmo assim, Sarney enfrentou algumas vaias durante sua passagem pela cidade. Ele desembarcou às 9 horas no aeroporto de Salvador e rapidamente foi à Cidade Baixa, para visitar irmã Dulce, que está internada no Hospital Santo Antônio.

Na frente do hospital, Sarney teve uma recepção calorosa: muitas pessoas se agrupavam para vê-lo passar e aplaudir. Algumas ainda conseguiram entregar a assessores presidenciais envelopes com pedidos que iam desde casa própria até dinheiro para cirurgias. O presidente e dona Marly conversaram cerca de 20 minutos com irmã Dulce, no quarto do hospital. Na saída, depois de muito empurra-empurra, o presidente parou para dizer que em todas as suas viagens a Salvador faz uma visita a irmã Dulce, “que é um exemplo para todos nós”.

A parte delicada da visita de sete horas a Salvador começou logo de-

pois, quando Sarney foi ao Pelourinho, onde fica a Fundação Casa de Jorge Amado. Toda a parte histórica da cidade havia sido interditada desde cedo, provocando um grande congestionamento na avenida 7 de Setembro. A comitiva do presidente chegou pouco depois das 11 horas. Grupos de manifestantes portando faixas reclamavam contra a censura e os baixos salários, e gritavam slogans dirigidos ao presidente e ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. “O povo não esquece, Sarney é do PDS”; “um, dois, três, ACM no xadrez”, repetiam.

DISCURSO DE HOMENAGEM

A cerimônia de inauguração da Casa de Jorge Amado foi mais tranquila, embora os manifestantes ainda gritassem palavras de ordem, sem poupar nem o cantor Gilberto Gil. A tropa de choque, paramentada com escudos e cassetetes especiais, assistiu às manifestações de perto, controlando o acesso ao local da solenidade, mas não interveio. Dentro do prédio, políticos e convidados de todo o País assistiam à inauguração.

Em seu discurso o presidente Sarney falou apenas sobre a vida e o trabalho de Jorge Amado. “Este é um momento de grande significado para a cultura brasileira, afirmou.

Num cenário que não poderia ser mais inspirador, o deste Pelourinho que nos devolve à História e a todos os sincretismos que animam o ser brasileiro, nosso povo ganha um lugar privilegiado de encontro com a obra literária e com a própria vida de Jorge Amado.” Segundo o presidente, a fundação será “um espaço de reflexão e de pesquisa, destinado a trazer uma expressiva contribuição no campo da literatura brasileira, dos estudos étnicos e culturais, das manifestações populares da Bahia”.

Na saída da fundação, outras vaias. A comitiva de cinco micro-ônibus e vários carros oficiais deixou o Pelourinho com destino à residência de Jorge Amado, no bairro do Rio Vermelho, com o povo atrás, em passeata e protestando. Na casa do escritor, Sarney participou de um almoço com cerca de 300 pessoas, entre políticos, intelectuais e artistas. Depois do encontro, o presidente comentou que “as vaias de 20 pessoas não superam o carinho de todo o povo baiano”. Considerou o Plano Cruzado um sucesso, lembrando que mudanças nesse momento são naturais. Segundo ainda o presidente, a situação do País é boa, já que não há recessão nem desemprego. A duração de seu mandato, explicou, é uma questão a ser resolvida pela Constituinte. Da casa de Jorge Amado, Sarney retornou a Brasília.